

EUCLIDES DA CUNHA EM RIO PARDO

CARLOS D' ALGE

Escreveu Samuel Putnam que a obra de Euclides da Cunha é única, no gênero, na literatura brasileira e na literatura universal. A afirmativa do tradutor d' *Os Sertões* para o inglês resulta correta, não só pela leitura do texto euclidiano, como pelo culto do autor de *A Margem da História*, e que tem como ponto de irradiação a Casa Euclidiana, (I) instalada em São José do Rio Pardo, no Estado de São Paulo, cidade onde Euclides da Cunha viveu três anos, o suficiente para executar uma obra de engenharia e escrever o seu magistral livro.

A Casa Euclidiana promove, anualmente, na primeira quinzena de agosto, um Ciclo de Estudos sobre a obra de Euclides da Cunha. Realizou-se a primeira Semana Euclidiana em 1938 por iniciativa de Osvaldo Galotti, "digno continuador de Afrânio Peixoto, Venâncio Filho, Edgar S. Mendonça" informa Hersílio Ângelo. (2) Foi o Dr. Galotti quem organizou o roteiro de comemorações, incluindo neste atividades culturais, desportivas e sociais a fim de despertar o interesse de todos. A partir de então a Semana Euclidiana tem levado a São José do Rio Pardo universitários e escritores, que se deslocam das capitais brasileiras, e mesmo do estrangeiro, para, durante aqueles dias, debaterem os mais variados aspectos da bibliografia euclidiana.

Mantém a Casa um excelente Museu onde estão expostos documentos que registram a iconografia euclidiana e proporcionam ao visitante um conhecimento direto da Campanha de Canudos, e num recanto, em estante protegida, as diferentes edições d' *Os Sertões*, desde as primeiras feitas no Brasil às traduções em alemão, italiano, espanhol, inglês, francês, polonês, tcheco, chinês e sueco.

Deve-se aos rio-pardenses o culto a Euclides da Cunha e a eles cabe o mérito da divulgação, no país e no Exterior, do autor de *Contrastes e Confrontos*. De um grupo de amigos de São José do

Rio Pardo, especialmente Francisco Escobar, Euclides da Cunha recebeu o estímulo e a colaboração solícita que o animaram a escrever *Os Sertões*.

São José do Rio Pardo foi fundada em 1870. Em breve começou a se fazer notada no Estado de São Paulo pela participação dos seus munícipes nas campanhas abolicionistas e republicanas. Antigo núcleo de emigração italiana — ainda hoje predominam os sobrenomes meridionais — parece que nela o espírito de Garibaldi se fixou para sempre. E não é que os rio pardenses proclamaram a República três meses antes do 15 de novembro!

O fato ocorreu a 11 de agosto. Francisco Glicério, fervoroso republicano, chegara a São José e hospedara-se no Hotel Brasil. Os seus correligionários promoveram-lhe calorosa recepção. Houve muito entusiasmo da parte de todos. A polícia, contudo, não concordou com aquelas manifestações que se lhe assemelhavam atentatórias contra a ordem estabelecida e varreu a massa a sabre. Houve muitos feridos. Conspirou-se pela madrugada, quando o povo, armado de paus, machados e espingardas, marchou para o edifício da cadeia, invadindo-o, desarmando os soldados e prendendo o delegado da polícia. Foi um delírio. Ao romper da manhã desfraldou-se a bandeira republicana. Estava proclamada a República em Rio Pardo, a 11 de agosto. Prolongaram-se os festejos durante todo o dia. Ao anoitecer chega à cidade o Chefe de Polícia vindo da capital com numerosa tropa. Liberta o delegado e restaura a ordem monárquica. De duração efêmera, a República do Rio Pardo legou ao burgo, para memória, o título de Cidade Livre.

O culto a Euclides da Cunha objetiva tornar conhecido, em todas as camadas sociais, o pensamento do escritor, do pensador e do sociólogo, cuja visão científica, rigorosa mesmo, e certos aspectos da realidade brasileira, ainda segue válida para os dias atuais. Euclides da Cunha viu o Nordeste numa perspectiva desassombradamente lúcida e consciente. Participou ao seu tempo de movimentos político-sociais como ativista ou simples espectador. O conhecimento que possuía da filosofia e da crítica científica alemã e francesa era bastante preciso. Será essa a matéria-prima de que se valerá para interpretar o sertão e contar o drama de Canudos. Faz um estudo sério, o primeiro a aparecer na literatura brasileira, em que estão presentes a Geografia, a Antropologia, a Sociologia e a Etnografia. A esses elementos acrescenta-se o seu exuberante talento de escritor e artista. *Os Sertões* resultariam num vasto painel onde se mesclam os conhecimentos da vasta e árida região nordestina, o drama do homem em luta permanente com o meio hostil, a Campanha de Canudos e os contrastes entre as duas civilizações, a do litoral e a do interior, tudo isso narrado e contado com beleza e sabor épicos.

Embora nascido em Cantagalo, no Estado do Rio, foi em São José do Rio Pardo que Euclides escreveu o seu "livro vingador". (3) A permanência numa pacata cidade do interior, cercada pelas montanhas, induziram-no a elaborar *Os Sertões*, que resultariam dos seus apontamentos da viagem à Bahia, dos artigos no *Estado de São Paulo* sob o título "A Nossa Vendéia", e do inestimável auxílio que, através de obras emprestadas, de traduções de artigos e compêndios, lhe proporcionaram os amigos de Rio Pardo.

Construiu Euclides uma cabana às margens do Rio Pardo, erguida sob a sombra de uma frondosa paineira, para ter local onde pudesse dirigir os trabalhos de restauração da ponte e passar a limpo as notas sobre a Campanha de Canudos, bem como ler, sossegadamente, os livros que lhe traziam Escobar, José Honório de Sylos, Paschoal Artese e Jovino de Sylos.

Será a Francisco Escobar, Presidente da Câmara Municipal, a quem se ligará por laços mais afetivos e duradouros. (4) Logo ao chegar à cidade, Euclides foi visitado pelo seu futuro colaborador. Relata Francisco Venâncio Filho que se estabeleceu "entre os dois grandes espíritos a corrente de simpatia que se tornara em pouco uma sólida e estreita amizade".

Efetivamente, Escobar desvela-se em cuidados para o novo amigo: apresenta-lhe os intelectuais e influentes de Rio Pardo, cuida-lhe de toda a sorte de assuntos, arranja-lhe livros. Vai à Câmara de Casa Branca, vila próxima a Rio Pardo, e da biblioteca traz-lhe a *Flora* de Martius, que Euclides procurava. Traduz-lhe o latim a que era Euclides estranho. Confessa o escritor: "foste o meu melhor colaborador d' *Os Sertões*, neste ermo de São José do Rio Pardo". (5)

É Escobar ainda que consegue mandar passar a limpo os originais d' *Os Sertões*, por um sargento de polícia, dono de boa letra, confessa Venâncio Filho. Ao concluir o livro estavam também terminados os trabalhos da ponte. Euclides construiria junto a um dos pegões uma linha artificial, e à maneira do arquiteto de Herculano, informa o seu biógrafo, quisera ficar, romanticamente, sob a ponte, para ser por ela esmagado, caso ruísse.

Os anos passados em Rio Pardo foram pois decisivos para a elaboração d' *Os Sertões*. Euclides já possuía o material básico que necessitava para compor o livro. Era só passar a limpo as anotações, fazer confrontos, investigar e elucidar questões, enriquecer a obra. Foi providencial, portanto, a amizade que o uniu a Francisco Escobar. Amizade que se prolongará até à morte do escritor, testemunhada através de pequena mas afetiva correspondência enviada por Euclides ao amigo de Rio Pardo e de que se falará a seguir.

A barraca de Euclides permanece intacta, protegida por um abrigo de alvenaria e vidro levantado em 1912. Da paineira pouco resta, apenas o velho tronco carcomido, quase vencido, como não querendo arredar o pé da barraca de sarrafos e zinco que abrigara durante longos estios.

Nos anos vividos em Rio Pardo há, entre outros, um fato curioso na vida de Euclides da Cunha. É a sua adesão à vida política, através de manifesto por ele escrito, de caráter socialista, divulgado a 1.º de maio de 1899. Tanto o manifesto como o programa que o acompanhava, de vinte e um itens, foram publicados n' *O Proletário*, órgão do Clube Democrático Internacional "Filhos do Trabalho", de São José, naquela data. Esboçara-se em Rio Pardo, ao lado da pregação republicana, a organização de um partido socialista que contou com a colaboração de alguns amigos de Euclides e dele próprio.

Não deixa de ter interesse o manifesto de Euclides aqui transcrito:

"Festa exclusivamente popular, ela se destina a preparar o advento da mais nobre e fecunda das aspirações humanas: a reabilitação do proletariado pela exata distribuição da justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece. Daí a abolição dos privilégios derivados quer do nascimento, quer da fortuna, quer da força. Para esse fim é mister promover a solidariedade entre todos os que formam a imensa maioria dos oprimidos sobre que pesam as grandes injustiças das instituições e preconceitos sociais da atualidade, destinados a desaparecer para que reine a paz e a felicidade entre os povos civilizados. Promovendo, entre nós, a comemoração de uma data notável, o Clube "Os Filhos do Trabalho" promoverá a divulgação dos princípios essenciais do programa socialista, empenhando-se em difundir-los em todas as classes sociais". (6)

Na prática, a experiência política de Euclides parece ter sido reduzida à programática socialista, divulgada em Rio Pardo. Escobar, mais tarde, tentou levantar a candidatura de Euclides à Câmara, como Deputado por Minas Gerais. O Barão do Rio Branco, a quem Euclides servia no Ministério, apoiou-a. Mas não foi o suficiente para vencer a oposição dos políticos mineiros, que não concordaram com aquela nova candidatura, por não ser Euclides mineiro...

Foi realmente uma pena, pois, no mínimo, Euclides lhes teria ensinado uma sadia cartilha do nacionalismo pátrio. Há-de escre-

ver, a propósito, a Escobar, a 10 de abril de 1908; nesta carta sobressai o seguinte trecho:

“Ora, nesta quadra de “grandes melhoramentos” talvez tenha realmente uma função providencial o aprumo de uma inteligência rebelde e sonhadora. Penso até, num ímpeto de pecaminosa vaidade, que destruirei a esterilidade de um congresso de resignados, tolhidos por toda a espécie de compromissos”. (7)

Antes de tratar da correspondência trocada entre Euclides e Escobar, cabe fazer menção a uma interessante carta redigida em São José do Rio Pardo, a 15 de maio de 1900, e enviada por Euclides a Pethion de Villar, pseudônimo do professor de Medicina e poeta simbolista Egas Muniz Barreto de Aragão (1879-1924). Euclides conhecera Pethion de Villar durante a estada na Bahia, para onde seguira em princípios de agosto de 1897, como “correspondente de guerra” do jornal *Estado de São Paulo*. Permaneceria em terras baianas até outubro, a percorrer o cenário da luta travada entre os jagunços de Antônio Conselheiro e a força federal, a contactar com personalidades de quem recolheria importantes dados para a sua caderneta de campanha, como Pethion de Villar, a quem Euclides deve muitas indicações acerca dos sertões da Bahia.

Eis o texto da carta dirigida por Euclides a Egas Muniz Barreto de Aragão:

“O portador desta não é um amigo apenas é um advogado. E não vai somente encarregado de abraçar por mim, obscuro rabiscador do Sul, ao grande poeta do Norte, — leva também a delicada incumbência de atenuar imperdoável incorreção, apresentando-te valiosas razões justificativas do meu silêncio, que sou o primeiro a lamentar. / Entre outras dir-te-á que levo a mais inútil das vidas, em perene conflito com a minha engenharia obscura, cujas exigências me afastam de outras ocupações mais atraentes, às quais somente dedico um ou outro quarto de hora de folga nos meus dias fatigantes de operário. / Por isto o meu livro sobre a interessantíssima luta nos sertões da tua terra ainda não apareceu. Está, porém, agora, finalmente pronto e ainda que seja o primeiro a considerá-lo lardeado de defeitos sérios, entre os quais avulta certa falta de unidade oriunda das condições em que foi escrito — tem, preponderante, uma qualidade que o nobilita — a sinceridade com que foi traçado. Será o seu único valor. Por isto talvez não faça jus à con-

sagração de uma versão para o francês, a que espontânea e cavalheirescamente te propuseste quando aí estive. Transplantado à mais vibrátil das línguas, por um parisiense dos trópicos, temo que o meu estilo, algo bárbaro, não se afeiçoe a tão delicado relevo. Em todo o caso não me deslembrei do honroso oferecimento e caso desejares enviarei um excerto qualquer como prova indispensável. / E adeus. / O meu digno amigo Dr. José Leite substituir-me-á com vantagem dando outras notícias. Pedindo que me recomendes a toda a Exm.^a Família, sou, cordialmente EUCLIDES DA CUNHA” (8)

Pela leitura da carta verifica-se que o livro já estava pronto em maio. Mas levará dois anos para ser lançado a público pelos editores Laemmert. Período suficiente para novas revisões, supressões e acréscimos. Em maio de 1901, Euclides despede-se de São José do Rio Pardo, com promoção para São Carlos do Pinhal, de onde, em seguida, é transferido para o distrito de Guaratinguetá, passando a residir em Lorena. Na carta a Pethion de Villar reclama Euclides da sua obscura profissão que não lhe deixa vagar para atividades mais atraentes. Queixa que se estenderá até o fim da sua vida, inclusive pela má remuneração que lhe pagavam. Recrimina o seu estilo, considerando-o bárbaro e impróprio para versão ao francês, prometida pelo poeta baiano, mas confessa ter escrito o livro com sinceridade.

De sua correspondência de Rio Pardo conhecem-se algumas cartas enviadas ao amigo Alberto Sarmento. Escritas, respectivamente, a 22 de fevereiro, 7 de março e 13 de março de 1901. Solicitava informações acerca de concurso para o ginásio de Campinas. Numa das cartas confessa estar ainda às voltas com a “minha rude missão” — a de restauração da ponte, e espera que ela termine para resolver qualquer coisa. O certo é que outros interesses o prendirão. A transferência para Lorena, as colaborações para os jornais, a edição d’ *Os Sertões*, as viagens pelos vales e serras da região do Paraíba, a excursão ao Alto Purus, os trabalhos para o Ministro Rio Branco, até chegar ao concurso para a cadeira de Lógica, no Pedro II, no ano da sua morte.

Vamos à correspondência com Escobar. A primeira carta de Euclides é datada de 30 de novembro de 1901, de São Carlos do Pinhal. Dá conta ao amigo que aceitou a designação para novo distrito. E lhe faz um pedido, que interceda junto aos coronéis e influentes de São José do Rio Pardo para que mantenham o velho Mateus no emprego de guarda da ponte. O seu cuidado para com os amigos era integral, já se disse que ninguém cultiva as amizades como Euclides, e disto se tem prova a cada instante, através de atos e de intervenções como estas:

“Agora um pedido: sei por informações que d’ai têm vindo, que o Mateus será despedido, com a próxima contradança municipal. Não sei que partido vencerá as eleições. Em todo o caso, como se não trata de uma questão partidária, mas de um compromisso que consigo tomou a parte sã de São José do Rio Pardo de todos os matizes — peço-te lembrar a ela na ocasião oportuna aquele. / Estou certo que farás tudo no sentido de ser mantido o velho trabalhador, que ali está como uma relíquia, lembrando dias sucessivos de três anos”. (9)

A 18 de maio de 1902 festejava-se em São José o primeiro aniversário da restauração da ponte sobre o rio Pardo. Euclides pretendia estar presente às comemorações. Todavia não pode sair de Lorena e dirigiu a Francisco Escobar uma carta, da qual destacamos este trecho:

“Sempre planejei estar aí no dia 18, 1.º aniversário da ponte. Mas estarão você, o Álvaro, o João Moreira, o Jovino. Encaminhem-se para lá naquele dia, paguem uma cerveja (barbante) ao velho Mateus e recordem-se por um minuto do amigo agradecido ausente. Será uma bela comemoração. Neste país de esnobismo reles não desejo outras. Manda-me dizer depois os episódios principais da festa”. (10)

Dias depois, a 22 de maio, volta a escrever a Escobar para comentar as festividades de aniversário da ponte:

“Magnífico! A comemoração do aniversário da minha ponte (ah! não estar ela num dos trechos deste incomparável Paraíba) não poderia ser melhor. Convirás em que eu nunca imaginei que lá aparecessem algumas centenas de indivíduos, que, como os foguetes, as bandeiras velhas, o assoviô dos moleques e os tabuleiros de doces, são a matéria prima do que nesta costa d’África da América chamam manifestações! . . . Não! sempre desejei aquilo: dois ou três amigos que ali chegassem e se lembrassem, durante algum tempo, de mim. Iludi-me apenas num ponto: os *numerosos* quatro amigos de que falei antes, reduziram-se a dois: você e o Lafayette”. (11)

Euclides não esquece os amigos que lhe são caros, tampouco pordoa às ingratidões, deixando, aqui e ali, transparecer o seu ceticismo e a sua amargura. Há uma nota de carinho para com o velho

guarda da ponte, por quem Euclides interferira, assim como pelo juiz Lafayette de Andrade, de Casa Branca, um dos seus bons amigos.

Em agosto de 1902, Euclides terá uma grande alegria: os entendimentos com os editores Laemmert & Cia. para a publicação d' *Os Sertões*. Confessa o autor: "felizmente os frios alemães receberam-me num quase entusiasmo, e, quebrado o antigo desalento, quase prevêem um sucesso àquelas páginas despreziosas". Mas, à alegria sucede uma grave preocupação, é ainda a ponte sobre o Rio Pardo. Apela a Escobar, a 10 daquele mês:

"Agora, um grande, um sério, um reservadíssimo favor. Tão reservado que te peço não o boquejes nem ao mesmo junto ao ouvido da tua filhinha mais nova: Lá vai: contou-me (não preciso dizer quem foi o desalmado) que há no encontro direito — lado do Pompeu — da ponte, uma frincha descendo por todo ele até embaixo. Imagina como fiquei, e quando cabelo branco vai-me nascendo dentro desta ansiedade. . . / Pensei seguir logo até aí. Infelizmente, não posso agora. Por isso escrevo-te. Quero que — com tua cautela habitual, sem que ninguém o perceba — observes aquilo, e indiques-me, num esboço qualquer, o lugar, as dimensões aproximadas da coisa, e se é visível e se ameaça aumentar, ou se é um recalque comum nestas obras. Não és engenheiro, mas que diabo — também estas coisas não são tão transcendentas". (12)

Fora realmente um boato apenas. Não acontecera nada com a obra de engenharia. A ponte lá está em São José tal como a deixou Euclides, servindo ao tráfego e aos pedestres, monumento de interesse histórico e turístico para quantos visitam a meca do euclidianismo.

O ano de 1902 foi frutífero, Euclides em novembro revê as últimas provas d' *Os Sertões* que é, finalmente, publicado. Escreve os *Relatórios sobre as ilhas dos Buzios e da Vitória* após reconhecimentos efetuados *in loco*, tão trabalhosos e fatigantes como as viagens que empreenderá pelo vale do Paraíba, de que resultaria o famoso artigo *Viajante*, mais tarde mudado para *entre as ruínas*, acerca daquela região.

A 19 de outubro torna a escrever a Escobar, a testemunhar-lhe mais uma vez a sua amizade, aludindo a um sonho que o amigo tivera a seu respeito e no qual via Euclides guindado ao ministério:

"Pilhérico sonho o teu. . . Ministro! Ministro da Viação este teu pobre amigo! Só mesmo em so-

nhos... Mas queres saber de uma coisa? Prefiro ser realmente Ministro nos breves minutos de um sonho, ocupando a imaginação de um amigo, do que o ser, de fato, nesta terra onde não há mais altas e baixas posições... Minado tudo". (13)

Nos anos seguintes Euclides realizará a esperada viagem ao Alto Purus, a serviço do gabinete de Rio Branco. Percorrerá a Amazônia com o mesmo interesse com que atravessou os sertões da Bahia, pesquisando e investigando, colhendo, paralelamente à sua missão, subsídios para o seu segundo projetado livro vingador. Não logrou escrevê-lo mas deixou publicados importantes artigos que ainda hoje fornecem informações interessantíssimas sobre a Amazônia.

Ao retornar ao Rio de Janeiro continua adido ao gabinete do Ministro Rio Branco. Em 1906 publica o *Relatório sobre o Alto Purus* e toma posse na Academia Brasileira de Letras, a 13 de junho desse ano volta a escrever a Francisco Escobar, o amigo de São José do Rio Pardo, a quem não dava notícias há muito. Nessa carta pede desculpas pelo longo silêncio que se deveu aos trabalhos no Amazonas, dá como extinta a comissão, e diz que o Barão do Rio Branco o encarregou de nova missão, no Palácio Itamarati, a de organizar mapas. Nessa carta há o testemunho sincero de Euclides sobre a personalidade do Ministro:

"Felizmente continuo a olhar para o Ministro a quem tenho servido — o único grande homem vivo desta terra — com a mesma admiração e simpatia. E até com assombro: é lúcido, é gentil, é trabalhador, e traça na universal chateza destes dias uma linha superior e firme de estadista. Ninguém pode substituí-lo". (14)

Em 1907 verá editado em Portugal o volume *Contrastes e Confrontos*. A respeito escreve a Escobar, a 31 de dezembro:

"Um editor português reuniu uns vinte artigos meus, pespegou-lhes o título de *Contrastes e Confrontos*, pediu um prefácio ao Bruno, e arranjou um livro que dentro de quinze dias aqui chegará. Não será bem um livro, mas agradeço ao Joaquim Leitão (o tal desalmado) o pensamento. Tais artigos são uma espécie de filhos naturais do espírito, mais descuidados, talvez, porém, às vezes mais dignos do nosso amor". (15)

A casa editora Lello & Irmão publicará, dois anos depois, o livro póstumo de Euclides *À Margem da História*. O Bruno de que fala

Euclides é o escritor português José Ferreira de Sampaio, jornalista, filósofo, e Diretor da Biblioteca Municipal de Porto. Entre outros livros Bruno, pseudônimo de José Sampaio, escreveu *Brasil Mental*, que mereceu extensa apreciação crítica de Euclides, através de artigos publicados em São José do Rio Pardo, em julho de 1898.

Em 1908 ainda está no Itamarati a retificar, projetar e esboçar mapas, um geral, vários regionais do Purus, do Juruá, do Acre, da Lagoa Mirim. É envolvido nesse ano num incidente diplomático por Zeballos, chanceler argentino, mas desfaz todas as intrigas publicando as cartas que deste recebeu e exigindo-lhe a publicação das suas. Prepara-se para o concurso à cadeira de Lógica do Colégio Pedro II.

A 12 de fevereiro escreve a Escobar acerca da vinda do amigo ao Rio de Janeiro, relata-lhe alguns problemas domésticos. Ironiza alguns aspectos da vida carioca prometendo dar “pasto à nossa velha ironia ansiosa por enterrar-se nos cachacos gordos de alguns felizes malandros que andam por aí *fonfonando* desabadamente, de automóvel, ameaçando atropelar-nos a nós outros, pobres altivos diabos que teimamos em andar nesta vida, dignamente, pelo nosso pé”. (16)

A 8 de abril falará a Escobar sobre a sua viagem a Rio Pardo, num tom de comovida saudade em que assombra a lembrança da barraca de sarrafos e zinco, a preferir o sossego da cidadezinha paulista ao bulício da capital, que considera inviável para se estudar e escrever:

“Ainda não posso marcar o dia da partida. Tenho trabalhos inadiáveis. Mas é certa a viagem. Convém apenas que o jornal daí não anuncie, porque é impossível marcar uma data. Prevenir-te-ei com seis a oito dias de antecedência. Bem sabes que só tenho a lucrar com ela por todos os motivos; e sou o primeiro contrariado em não poder realizá-la já. Digo-te mais: a minha maior aspiração seria deixar de uma vez este meio deplorável, com as avenidas, os seus automóveis, os seus *smarts* e as suas fantasmagorias de civilização pestuada. Como é difícil estudar-se e pensar aqui! . . . Que saudades do meu escritório de folhas de zinco e sarrafos, da margem do Rio Pardo! Creio que se persistir nesta agitação estéril não produzirei mais nada de duradouro. Já fiz dois livros e não sei sair, e ainda sou o autor, dos quantos artigos depois d’ *Os Sertões!* Precisamos conversar sobre estas coisas”. (17)

A 10 de abril, nova carta a Escobar, torna a falar da sua viagem a São José, desculpa-se pelos trabalhos que está a fazer. Fala

dos seus projetos caso vingasse a sua candidatura a deputado, para aludir, finalmente, a uma carta que recebera do príncipe D. Luís de Bragança:

“Não preciso dizer-te que ela não me fere a integridade republicana. D. Luís é sobretudo um escritor. Escreveu ao adversário político — ele mesmo o observa — obedecendo apenas às afinidades de temperamento. De qualquer modo é um compatriota que estuda as nossas coisas e que ama o Brasil. E como, ao mesmo tempo parece-me ter lucidez bastante para compreender que a missão da sua dinastia está completamente acabada, irei responder-lhe desafogadamente”. (18)

É de 13 de abril a última carta dirigida a Escobar, divulgada no Epistolário organizado por Francisco Venâncio Filho.

Desculpa-se Euclides, mais uma vez, pelo retardamento da sua viagem a Rio Pardo. A Secretaria não lhe deixa vagar para nada, suas funções de cartógrafo a serviço de Rio Branco enchem-lhe a mesa de novas solicitações. Pede a Escobar que silenciem os amigos acerca desse projeto. Bem como sobre a sua candidatura a deputado. Reconhece que a reserva é a melhor conselheira; e pede a todos para que nada se propague. Escreve às pressas, numa sala do Itamarati “onde três gárrulos diplomatas conversam desabaladamente sobre coisas maravilhosas de Paris e Viena”.

O ano corre rapidamente, entre o trabalho na Secretaria, a numerosa correspondência, as colaborações para os jornais, os problemas familiares e a doença.

Em 1909 vencerá o concurso para o Pedro II e dará algumas aulas. Escreverá ainda aos editores Lello & Irmão, do Porto, acerca do novo livro que virá a lume, *A Margem da História*. Ainda terá tempo para rever as provas, que devolve com uma carta a 25 de julho, sem esquecer-se de cumprimentar o revisor da Livraria Char-dron:

“Felizmente o revisor de V. S. não procede mecanicamente, como quase todos, é realmente homem inteligente e acautelado — como demonstram as últimas provas que revi”. (19)

Não tornou a Rio Pardo, nem aos amigos fiéis Escobar, Lafayette de Toledo, Adalgizo Pereira, José Honório, Paschoal Artese e Jovino de Sylos, — nem tampouco à barraca de sarrafos e zinco, onde poderia gozar do sossego e tranqüilidade que sonhava. Um mês depois, a 15 de agosto, num domingo chuvoso e frio, revistas as últimas provas de *A Margem da História*, e sem ter concluído o

seu último artigo para o *Jornal do Brasil* sob o título *Um Atlas do Brasil*, Euclides é morto na casa n.º 24, da Estrada Real de Santa Cruz, Estação da Piedade, no Rio de Janeiro.

Caía,

“Sem vida, no clarão de uma tragédia esquiliana, o grande escritor brasileiro, que foi também grande coração e grande caráter”. (20)

NOTAS

- (1) A Casa Euclidiana foi criada em 1946, através do Decreto-Lei n.º 15.961, de 14 de agosto, do então Interventor em São Paulo, Embaixador José Carlos de Macedo Soares. Em 1957 a Casa Euclidiana foi reestruturada, procedendo-se à catalogação de todos os documentos referentes a Euclides da Cunha, colecionados a partir de 1912.
- (2) Angelo, Hersilio — “O Culto Euclidiano”, in **Gazeta do Rio Pardo**, 9/8/70.
- (3) “Muda-se para São José do Rio Pardo para reconstruir uma grande ponte, a serviço da Superintendência; aí correram os 3 anos mais calmos e proveitosos de sua vida, durante os quais escreveu a quase totalidade d’Os Sertões e executou com absoluta correção a obra de engenharia”. Olympio de Sousa Andrade, na **Antologia de Euclides da Cunha** (Edições Melhoramentos, São Paulo, 1966).
- (4) “Encontra Francisco Escobar, que lhe oferece livros, que os consegue mandar vir de longe, que o aproxima dos sabedores, que ouve os capítulos. que lhe traduz o latim. Em sua vida atormentada, Euclides da Cunha fez numerosos amigos. Ninguém teve o culto da amizade como ele. Em Escobar, entretanto, há mais do que afeto do amigo, há uma colaboração constante, tenaz, carinhosa. cheia de cuidados”. Nelson Werneck Sodré. in **Revisão de Euclides da Cunha**. Obra Completa de Euclides da Cunha, vol. II, Cia. José Aguilar Editora. Rio, 1966, p. 30.
- (5) Venâncio Filho, Francisco — **Euclides da Cunha e seus Amigos**, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.
- (6) Cunha, Euclides da — **Obra Completa**, vol. I, pág. 529, Cia. José Aguilar, Rio de Janeiro, 1966.
- (7) Op. cit., vol. II, p. 691.
- (8) Op. cit., vol. II, p. 612.
- (9) Op. cit., p. 615.
- (10) Op. cit., p. 617.
- (11) Op. cit., p. 617.
- (12) Op. cit., p. 618.

- (13) Op. cit., p. 620.
- (14) Op. cit., p. 672.
- (15) Op. cit., p. 687.
- (16) Op. cit., p. 688.
- (17) Op. cit., p. 689.
- (18) Op. cit., p. 691.
- (19) Op. cit., p. 712.
- (20) Venâncio Filho, Francisco — “Estudo Biográfico”, in **Obra Completa de Euclides da Cunha**, vol. I, Cia. José Aguilar Editora, Rio, 1966, p. 44.